



ZOOLÓGICOS DE KHLÉBNIKOV E CHKLÓVSKI

ZOOS IN KHLEBNIKOV AND SHKLOVSKY

Tradução por:
Marcelo C. Mello*

* marcelocmello@gmail.com
Marcelo Mello é Doutorando do Pós-lit da UFMG e pesquisa sobre cinema e literatura.

O formalista russo Victor Chklóvski esteve exilado entre 1917 e 1922 em Berlim. Ele e outros intelectuais e artistas russos viviam no bairro do jardim zoológico.

Em 1923, Chklóvski publica *Zoo: Cartas não de amor*, um romance epistolar inspirado em sua relação amorosa, durante o exílio, com a escritora Elsa Triolet – que no livro assume o nome de Alya.

Logo no começo do livro, Alya responde a uma carta exageradamente apaixonada fazendo um pedido a seu remetente: “Não me fale unicamente do seu amor”. Ao tentar evitar diretamente o tema do amor, as cartas abrem espaço para outras expressões e para experimentações, misturando gêneros como: autobiografia, diário, teatro e crítica literária.

O livro é também uma homenagem de Chklóvski a seu amigo, o poeta Velimir Khlébnikov, cujo poema *Jardim Zoológico* é usado como epígrafe.

Apresentamos aqui a tradução do poema de Khlébnikov e da sexta carta do livro de Chklóvski, que também descreve uma visita ao jardim zoológico.

É a primeira vez que estes textos são traduzidos e publicados em português. As traduções não foram feitas diretamente do original em russo. Foram consultadas três versões:

- ❖ Em inglês (R. Sheldon, Dalkey Archive Press, 2001);
- ❖ Em espanhol (Y. Dobrovolskaya e J. Rovira, Ático de los Libros, 2010);
- ❖ Em francês (V. Pozner, Harmattan, 1963).

Também foi consultada uma tradução para o inglês do poema de Khlébnikov (P. Schmidt, Harvad Press, 1997).

Precedendo as traduções, reproduzimos aqui as versões em inglês dos textos publicados pela Editora Dalkey Archive Press.

Além das traduções, publicamos também aqui um poema de Ana Martins Marques inspirado no livro de Chklóvski (O poema foi inicialmente publicado em *O livro das semelhanças*, Companhia das Letras, 2015).

MENAGERIE*Velimir Khlebnikov**Translated by Richard Sheldon*

O Garden, Zoological Garden!

Where the iron is like a father reminding brothers to be
brothers and stopping their bloody grapple.

Where the Germans drink their beer.

And beauties sell their bodies.

Where the eagles sit, like an eternity finished with this day
that still lacks evening.

Where the camel knows the secret of Buddhism and har-
bors the grimace of China.

Where the stag is pure terror, blooming like a massive
rock.

Where the finery of the crowd is swank.

And the Germans bloom with health.

Where the swan is a replica of winter, despite the beak
like an autumn thicket and the black gaze, somewhat guarded
even for a swan.

ZOOLÓGICO*Velimir Khlébnikov*

Ó jardim zoológico!

Onde o ferro é como um pai que interrompe uma luta
sangrenta lembrando aos irmãos que eles são irmãos.

Onde os alemães vêm beber cerveja.

E as belezas, vender seus corpos.

Onde as águias estão pousadas, como a eternidade que
marca o dia de hoje, ainda desprovido de noite.

Onde o camelo, cuja alta corcunda não tem cavaleiro, co-
nhece a chave do enigma do budismo e esconde uma careta
vinda da China.

Onde o cervo é o próprio susto, florindo em larga pedra.

Onde as pessoas se vestem de forma elegante.

E os alemães resplandecem de saúde.

Onde o cisne é todo invernal, apesar de seu bico preto,
que parece um bosque outonal, e seu olhar escuro, hesitante
demais, até mesmo para um cisne.

Where the blue splendorial lowers a tail like Siberia seen from the Rock of Pavda when the clouds throw a net of blue over the gold of the fallage and the green of the forest, all of it tinted variously by the roughness of the land.

Where the monkeys, variously angry, flaunt the tips of their torsos

Where the elephants, squirming as mountains squirm during an earthquake, beg a child for food, imparting an ancient sense to the truth: Give me food! I want to eat! and then kneel as if to supplicate.

Where the bears scramble deftly up and then look down, awaiting the orders of their keeper.

Where the bats hang suspended, like the heart of a modern Russian.

Where the breast of the falcon suggests the downy clouds that precede a storm.

Where the low-flying bird pulls in its wake the sunset and all the coals of its fire.

Where in the tiger's face, with its frame of white beard and the eyes of an elderly Moslem, we pay homage to the first Mohammedan and read the essence of Islam.

Onde um esplendor azul deixa cair o leque de sua cauda, que se parece com a Sibéria vista do alto do Rochedo de Pavda, e uma rede azul de nuvens cai sobre o fogo dourado das folhas caídas e a verdura do bosque, tudo tingido de forma irregular pelas asperezas do terreno.

Onde os macacos – zangados, cada um à sua maneira – mostram as extremidades de seus troncos; com exceção dos tristes e dos tímidos, todos parecem eternamente irritados pela presença do homem.

Onde elefantes se contorcem como montanhas durante um terremoto, e pedem comida às crianças, restaurando a verdade de frases antigas como “Tenho fome! Quero comida!”, e depois se agacham como se implorassem por uma esmola.

Onde os ursos saltam com agilidade e depois olham para baixo, esperando as ordens do seu cuidador.

Onde os morcegos ficam pendurados de ponta-cabeça, suspensos como o coração do Russo de hoje.

Onde o peito do falcão faz pensar em nuvens antes de um temporal.

Onde um pássaro voa baixo arrastando consigo o ouro do poente com todas as brasas do seu fogo.

Where we begin to see the faiths as ebbing currents of waves whose surge is the various species.

And that earth harbors animals in such multitude because each of them sees God in its own way...

Where the cannon shot at noon compels the eagles to gaze skyward in expectation of a storm.

Where the eagles plummet from their lofty perches like idols toppled by an earthquake from temples and rooftops...

Where after a brief rain, the ducks of a certain species cry out in unison as if offering a thanksgiving prayer to the deity of ducks – has it feet and beak?

Where the ash-silver guinea fowl have the aspect of professional beggars.

Where in the Malayan bear I refuse to recognize a fellow northerner and discover the Mongol there concealed.

Where the wolves convey compliance and devotion.

Where the parrots in their stifling habitat accost me as I enter with their choral salutations, “idiott, idiott!”

Where the fat and glistening walrus undulates, like a languid beauty, its black, slippery, fan-shaped foot, then leaps into the water; and when it slides once more onto the ramp,

Onde reconhecemos no rosto do tigre – emoldurado pela barba branca, com olhos de velho muçulmano – o primeiro discípulo do profeta, e lemos nele a essência do Islã.

Onde começamos a enxergar as crenças como correntes que fluem e cuja dispersão deu origem às várias espécies animais.

E assim sendo, o mundo contém uma variedade de animais porque cada um enxerga Deus à sua maneira.

Onde o tiro de canhão disparado no fim do dia incita as águias a olhar para o céu, à espera de uma tempestade.

Onde as águias despençam de seus altos ninhos, como os ídolos dos pedestais dos templos e dos terraços durante um terremoto.

Onde, depois de uma breve chuva, os patos de uma certa espécie gritam em uníssono como se oferecessem uma oração para o Deus dos patos – será que Ele também tem membrana natatória e bico?

Onde os porquinhos-da-índia cor de cinza dourada têm o aspecto de mendigos profissionais.

Onde no urso da Malásia eu me recuso a reconhecer um colega do norte e descubro ali o Mongol escondido.

Onde os lobos transmitem resignação e devoção.

upon its massive, greasy body appear the spiny bristles and smooth brow peculiar to the head of Nietzsche.

Where the jaw of the white, black-eyed, exalted llama and the jaw of the flat-horned buffalo move evenly to the right and to the left, as does the life of a land with popular representation and a government responsible to the people – that paradise desired by so many!

Where the rhinoceros holds in its red-and-white eyes the unquenchable fury of a toppled tsar; he alone, of all the animals, regards mankind with the unconcealed disdain which tsars reserve for slave rebellions. In him lurks Ivan the Terrible.

Where the gulls, with long beaks and cold, blue eyes that sem ringed by spectacles, resemble international financiers, confirmation of which we find in the adroit way they filch the food thrown to the seals.

Where, remembering that Russians were wont to call their chieftains by the name of falcon, and remembering the keenness of Cossack and falcon eye alike, we begin to know who instructed the Russians in the art of war.

Where the elephants, their trumpet calls forgotten, make a sound that seems to mourn their sad condition. Do they

Onde os papagaios, quando entro em seu habitat sufocante, assediam-me agressivamente com suas saudações em coro: “Idiota-a! Idiota-a!”.

Onde a morsa gorda e cintilante ondula, como uma lânguida e bela dama, com seus pés pretos e escorregadios em forma de leque, depois pula na água; e quando ela desliza outra vez na rampa, sobre seu corpo pesado e gordo aparecem pelos eriçados e o bigode macio característico do rosto de Nietzsche.

Onde a mandíbula da exaltada lhama branca de olhos pretos e a mandíbula do búfalo de chifres achatados se movimentam em cadência para a direita e a esquerda, assim como a vida de um país com representação popular e um governo responsável em relação ao seu povo – aquele paraíso desejado por tantos!

Onde o rinoceronte mostra em seus olhos vermelhos e brancos a fúria insaciável de um czar deposto; ele é o único dos animais que observa a humanidade com aquele desprezo não dissimulado que os czares reservam para as rebeliões de escravos. Nele se esconde Ivan, o Terrível.

Onde as gaivotas, com longos bicos e frios olhos azuis que parecem anelados por óculos, são semelhantes a homens de negócios internacionais, como se pode confirmar observando

make such paltry sounds from deference to our own excessive paltriness? I do not know.

Where the animals lose their marvelous potentialities, like the *Lay of Igor's Host* embedded in a Book of Hours.

a maneira habilidosa com que surrupiam a comida jogada às focas.

Onde, lembrando que os Russos chamavam seus mais honrosos capitães pelo nome de falcões, e vendo a semelhança com os olhos de um cossaco, começamos a descobrir quem foi que ensinou aos russos a arte da guerra.

Onde os elefantes, tendo esquecido seu som de trompete, fazem um som que parece indicar o luto por sua triste condição. Será que eles fazem sons tão torpes em respeito à nossa torpeza excessiva? Não sei.

Onde os animais perdem definitivamente suas potências maravilhosas, assim como o manuscrito da epopeia do *Cantar das hostes de Igor* se perdeu no incêndio de Moscou.

"LETTER SIX", ZOO, OR LETTERS NOT ABOUT LOVE*Viktor Shklovsky**Translated by Richard Sheldon*

About misery and the captivity of our forefather. The letter ends with a tentative suggestion to begin publishing a newspaper for him.

The animals in the cages at the zoo look reasonably happy.

They even bear young.

The baby lions are suckled by dogs, so they know nothing about their lofty origins.

Day and night, the hyenas scurry around in their cages like black marketeers.

All four of the hyena's paws are placed very close to its pelvis.

The adult lions languish.

The tigers pace behind the bars of their cages.

The elephants crinkle their hides.

"CARTA SEIS", ZOO: CARTAS NÃO DE AMOR*Victor Chklóvski*

Sobre a tristeza e o cativo de um antepassado nosso. A carta termina com uma proposta indecisa de começar a publicar um jornal para ele.

Os animais nas jaulas do zoológico parecem razoavelmente felizes.

Eles até se reproduzem.

Cadelas amamentam filhotes de leão, que ficam sem conhecer sua origem nobre.

Dia e noite, hienas correm em disparada dentro de suas jaulas como se trabalhassem no mercado negro.

As quatro patas da hiena estão dispostas bem próximas à sua bacia.

Os leões adultos suspiram de tédio.

Os tigres andam de um lado para o outro por detrás das barras de suas jaulas.

Os elefantes esfregam seus couros.

The llamas are very pretty. Each one has warm wool clothing and a graceful head. Like you, Alya.

Everything is closed for the winter.

From the animals' point of view, it makes little difference.

The aquarium stays open.

In the blue water, lit by electricity and resembling soda pop, fish are swimming. Yet behind some of the glass panes, it's absolutely awful. A sapling sits there and quietly moves its white branches. Why did such misery have to be created in this world?

The anthropoid ape, instead of being sold, has been put on the top floor of the aquarium. You, Alya, are terribly busy, so terribly busy that I have a lot of time on my hands now. I visit the aquarium.

I have no use for the aquarium, but the zoo would have been useful for drawing parallels.

The ape, Alya, is about my height, but broader through the shoulders, stooped and long-armed. Sitting there in its cage, it doesn't look like an animal.

Despite the fur and the cauliflower nose, what I see behind those bars is a human being.

As lhamas são muito bonitas. Elas se vestem de lã quente e têm uma cabeça graciosa. Como você, Alya.

Tudo fica fechado no inverno.

Do ponto de vista dos animais, a diferença é pouca.

O aquário permanece aberto.

Na água azul, iluminada pela eletricidade e parecida com refrigerante, há peixes nadando. No entanto, o que se vê detrás de alguns vidros é aterrorizante. Uma arvorezinha remexe lentamente seus galhos brancos. Por que tamanha tristeza teve de ser criada neste mundo?

O primata antropoide, em vez de ser vendido, foi colocado no andar superior, em cima do aquário. Você, Alya, está muito ocupada, tão ocupada, que eu tenho todo o tempo do mundo. Visito o aquário.

Não preciso do aquário, mas o zoológico teria sido útil para traçar paralelos.

O primata, Alya, tem mais ou menos a minha altura, mas tem os ombros mais largos e os braços mais longos. Nem parece um animal numa jaula.

Apesar dos seus pelos, e do nariz de couve-flor, ele tem o aspecto de um humano prisioneiro.

And that cage is no cage at all, but a prison.

There are two sets of bars, but I don't remember whether a guard walks between them or not. The ape languishes-it's a male-all day long. At three, he gets to eat. He eats from a plate. Afterward, he sometimes attends to his miserable simian needs. That's offensive and shameful.

You tend to think of him as a man, yet he's utterly without shame.

The rest of the time, the ape climbs around in his cage, looking apprehensively at the spectators. I doubt that we have the right to hold this distant relative of ours in prison without a trial.

And where is his consul?

Naturally, the ape languishes without his forest. People seem like evil spirits to him. All day long, this wretched foreigner languishes in his indoor zoo.

No one will even publish a newspaper for him.

E a jaula não é uma jaula, mas sim uma prisão.

A jaula tem grades duplas, não me lembro se um sentinela faz ronda entre elas. O primata (é um macho) fica entediado o dia inteiro. Às três horas, ele é alimentado. Ele come num prato. Em seguida, ele atende às suas necessidades de primata. É humilhante e vergonhoso.

Agimos como se ele fosse um homem, e no entanto, ele não tem pudor algum.

O resto do tempo, o primata sobe pela jaula, e olha de soslaio para os visitantes. Não acredito que tenhamos o direito de manter nosso parente distante na prisão sem julgamento. Onde está seu cônsul?

Longe da floresta, o primata deve ficar entediado. Os humanos parecem ser maus espíritos. O dia inteiro, este pobre estrangeiro definha em seu zoológico interior.

Para ele, não se publica sequer um jornal.

POEMA NÃO DE AMOR

Ana Martins Marques

A partir de Zoo ou cartas não de amor, de Vitor Chklóvski

Não vou falar de amor, vou falar do tempo que faz
 dos animais do zoológico
 de como eles não parecem tristes em suas jaulas
 para onde os enviamos sem julgamento
 vou falar do urso, da girafa, da morsa, do falcão
 você me pede para não falar de amor
 eis que tenho agora uma ocupação
 não te ver, não te telefonar
 não pensar em você
 tudo isso dá algum trabalho
 não vou falar de amor
 vou falar do vento, das inundações,
 do vinco das calças
 dos meus amigos exilados
 que viajam com malas cheias de livros
 e manuscritos
 de modo que mal se distinguem
 seus ensaios e suas cuecas
 vou falar sobre dançar
 num transatlântico
 sobre esse livro que se escreve
 à roda do seu nome

todas essas coisas que não são o amor
 não vou escrever cartas de amor
 vou escrever cartas sobre cartas
 cartas sobre cartas nas quais irrompe às vezes
 uma história de exílio
 uma parábola antiga
 porque eu sei como é feito *Dom Quixote*
 mas não sei escrever uma carta de amor
 você me pede para não falar de amor
 eu atendo porque devo te amar
 em lugar de amar o meu amor
 porque no amor não deve valer a lei do mais forte
 nem mesmo a do mais forte amor
 porque é solitário estar sozinho num dueto
 não falar de amor me mantém ocupado
 os animais do zoológico fazem isso melhor do que eu
 eles não falam de amor, eles amam com suas plumas
 e suas garras
 também te amo com minhas garras e minhas plumas
 é o que eu diria se este fosse um poema de amor
 este é um poema não de amor

REFERÊNCIAS

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. Companhia das Letras, 2015.

SHKLOVSKY, Viktor. **Zoo, or Letters Not about Love**. Dalkey Archive Press, 2001, p. 5.

SHKLOVSKY, Viktor. **Zoo, or Letters Not about Love**. Dalkey Archive Press, 2001, p. 25.

Submetido: 2 nov. 2017.

Aceito: 20 mar. 2018.